

Planalto descobre a trama das esquerdas

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O Palácio do Planalto está convencido da existência de trama minuciosamente engendrada desde o ano passado pela esquerda do PMDB, visando à tomada do poder. Não se trata da tomada do poder pela força, é claro, mas através de manobra que, segundo a ilusão dos setores ditos progressistas da maior legenda nacional, logo os conduziria ao controle da Nação. Eles se enganam, é claro, pois, conforme a previsão oficial, se uma coisa dessas progredisse logo assistiríamos ao acirramento dos ânimos, da parte de seus contrários. Poderia ocorrer até mesmo uma intervenção militar, igual a tantas verificadas ao longo de nossa História.

Esses setores ditos progressistas do PMDB, aos quais se aliam outros partidos de esquerda — ainda é o raciocínio palaciano —, imaginaram atuar por meio da Assembléia Nacional Constituinte, onde são minoria ativa. Já na convocação, deram o sinal de suas intenções ao modificar o texto da Emenda nº 26, encaminhada ao Congresso pelo Executivo. Retiraram sutilmente o prazo que o presidente José Sarney pretendia estabelecer para os trabalhos constituintes. A proposta do presidente previa apenas o ano de 1987 para a elaboração da nova Carta. As esquerdas também inseriram, na emenda afinal aprovada, a expressão "livre e soberana", de modo a tentar concentrar na Assembléia Nacional Constituinte um poder que não lhe cabia. Quiseram situar-se acima e além das instituições constituídas. O parecer do ex-deputado Flávio Bierrebach traduzia essa intenção, quando ele relatou a Emenda nº 26. A idéia era desconstituir o País e permitir, através de projetos de resolução e de decisão, que a Constituinte também governasse, ao mesmo tempo que redigiria a nova Carta. Não conseguiram êxito nesse objetivo, dada a reação da maioria, mas insistiram. Houve quem pretendesse, até mesmo, a subordinação das Forças Armadas ao poder constituinte.

Quando da redação do regimento interno e da formação das subcomissões, das comissões temáticas e da Comissão de Sistematização, o propósito das esquerdas ficou bem claro, em meio à acomodação e passividade da maioria. Armaram as coisas de modo a criar mecanismos para que controlassem o País através do novo texto a ser promulgado. Como não puderam, de imediato, sobrepor-se ao Executivo e ao Judiciário, ou mesmo ao Legislativo, iniciaram, com relativo êxito, a redação de uma proposta em tudo e por tudo desvinculada de nossas tradições e necessidades — alguma coisa capaz de socializar o País, especialmente a economia e as estruturas sociais. Tentaram — é ainda a visão do governo, pelas suas principais figuras — alijar as Forças Armadas de suas atribuições históricas, da garantia da lei e da ordem. Pretendiam ver os militares de braços cruzados, nos quartéis, impedidos de sair mesmo no caso de convulsões e badernas. Imaginaram o Estado assumindo o

controle de todas as atividades nacionais e prepararam, mesmo minoritários, meios para o dominar. Até parece, ouve-se no Palácio do Planalto, que leram A Conquista do Estado, livro-denúncia que mostra de que maneira os comunistas minaram as instituições e acabaram por dominar a Checoslováquia, no pós-guerra. Sem tirar nem pôr, quiseram seguir as etapas ali denunciadas.

Ainda que malogrando em certas tentativas, como a do isolamento das Forças Armadas, obtiveram sucesso no atacado, conclui-se no governo. Chegaram a um projeto que pouco tem de ver com o Brasil. Não fosse a reação agora verificada pelas forças majoritárias, no que se convencionou chamar de Centro, já teriam conquistado seu objetivo.

Enganam-se os que pensam assim, ainda que tenham envolvido o próprio deputado Ulysses Guimarães, tornando-o um "prisioneiro em cárcere privado", é o pensamento dominante na sede do Executivo.

Para os setores ditos progressistas do PMDB e da Constituinte, imaginar que eles tenham pretendido assaltar o poder representa um equívoco, quase uma paranoia. O que não afasta o raciocínio agora exposto; nem a coincidência de certos fatos. Dominando o deputado Ulysses Guimarães, ouve-se ainda nos principais gabinetes palacianos, a esquerda do PMDB pensou que conseguiria tomar o poder. Ilusoriamente, quando alertada para a fatalidade de estar mergulhando o País na crise institucional, seus integrantes sempre responderam que o País era outro; que as massas se levantariam para respaldá-los, se porventura uma reação ocorresse. Só que se enganaram.

Felizmente, é a observação ouvida no Planalto, não se chegou a esse clímax. As maiorias parlamentares, marginalizadas e enganadas, despertaram a tempo, e, mesmo sem poder alterar todo o projeto, vão extirpá-lo dos principais exageros. O parlamentarismo deve cair, mas é um dos principais exemplos da tentativa de tomada do poder. Evidentemente que nem todos os parlamentaristas estão engajados na trama. Muitos, de boa-fé, até hoje sustentam esse sistema de governo. O que a esquerda pretende com ele, no entanto, é a concentração das decisões nacionais num grupo fechado, péqueno e ideologicamente disposto a implantar o socialismo ou coisa parecida.

Há cautela, no Palácio do Planalto, na exposição do raciocínio acima apresentado. Nenhum de seus inquilinos, do maior aos menores, admite colocá-lo de público, para não contribuir para maior acirramento dos ânimos. Na intimidade, porém, até nomes são citados, de Mário Covas a Pimenta da Veiga, de Severo Gomes a Fernando Henrique Cardoso. Como a batalha ainda prossegue, o governo acha melhor utilizar todas as forças no sentido de vencê-la. De evitar a concretização dos objetivos expostos. Tudo dependerá dos debates e das votações no plenário da Assembléia Nacional Constituinte, a se iniciarem conclusivamente a partir de janeiro.

C.C.